

Silva e Luna: Petrobras não pode fazer política partidária



DANIEL MARCONI/11.2018

Defesa da empresa. Silva e Luna disse que informou ao governo que se não reajustasse preços poderia faltar combustível. Ele criticou autoridades que pedem para que a companhia faça política pública

DESABAFO

CRÍTICAS APÓS A DEMISSÃO

Silva e Luna diz que Petrobras não pode fazer política nem ter ‘aventureiros’

MANOEL VENTURA E DANIEL GULLINO colaboradores@oglobo.com.br

Um dia após ser oficialmente demitido da presidência da Petrobras pelo presidente Jair Bolsonaro por causa do aumento do preço dos combustíveis, o general da reserva Joaquim Silva e Luna falou pela primeira vez, com críticas ao governo e acusações indiretas de tentativas de desvios de função na estatal. Segundo ele, não há espaço para “aventureiros” na companhia. Para parte dos militares, de dentro e fora do governo, o desabafo de Silva e Luna traduz um descontentamento em relação à forma como a demissão foi conduzida pelo presidente.

— (A Petrobras) Tem res-

ponsabilidade social? Tem. Pode fazer políticas públicas? Não. Pode fazer política partidária? Muito menos ainda. É o que nós temos como empresa para cuidar. Fica difícil para a cabeça de muita gente entender, “por que não faz isso”, “por que não comunica dessa forma”, “acho que está falhando na comunicação”. Não, a empresa não pode fazer política partidária, a empresa não pode fazer política pública. Não pode, não pode fazer. É a lei que não permite — disse.

Ainda presidente da Petrobras (ele só deixa o cargo em 13 de abril), o general participou de evento promovido pelo Superior Tribunal Militar (STM) chamado de “O Brasil em Transformação”. Silva e Luna

foi ministro da Defesa do governo Michel Temer. No governo Bolsonaro, antes de assumir a Petrobras, foi diretor-geral da Itaipu.

MILITARES DESCONTENTES

Silva e Luna afirmou que a gestão da empresa não pode mudar ao sabor dos governos: — A empresa está bem cuidada, tem governança muito forte. Não tem lugar para aventureiros, não cabe. Uma andorinha só não faz verão. As decisões são coletivas. Passam por várias instâncias — e reforçou depois: — Não há lugar para aventureiro na empresa hoje. A não ser que mude a legislação. Mude a lei, mude a Constituição, aí tem. Mas hoje não tem espaço para aventureiro dentro da empresa.

Desde que o presidente expôs sua contrariedade com o reajuste dos combustíveis, anunciado há menos de três semanas, a saída de Silva e Luna já era dada como certa nas Forças Armadas. Mas a maneira como ocorreu, publicamente e sem reconhecimento de sua atuação ao longo de quase um ano no comando da Petrobras, criou mais um descontentamento entre os militares.

Silva e Luna foi tratado, na visão de alguns generais, como um “militar incompetente”, o que não é o caso: a gestão da estatal, avaliam, foi muito bem. A avaliação é que ele teve uma demissão pior que a de Eduardo Pazuello, que caiu do Ministério da Saúde com homenagens por parte de Bolsonaro e recebeu um car-

go no Palácio do Planalto. Parte da indignação, dizem, estava no tom de desabafo de Silva e Luna no evento ontem.

RISCO DE DESABASTECIMENTO

Ontem, Silva e Luna disse que a Petrobras é “uma empresa estatal vestida de privada” e que não há monopólio. afirmou ainda que o Preço de Paridade Internacional (PPI) — que equipara os preços nacionais ao valor do dólar e do barril de petróleo — é apenas uma referência. E disse que, se os preços não fossem reajustados, haveria risco de desabastecimento, devido à alta da cotação internacional do petróleo, agravada pela guerra na Ucrânia.

— O PPI é apenas uma referência, pelo amor de Deus, é

uma referência. Nós ficamos 57 dias sem mexer no preço dos combustíveis. O barril do Brent saiu de US\$ 82 e foi a US\$ 137 sem mexer no preço. O que definiu a manobra (de aumento de preços)? O desabastecimento. Ninguém consegue importar mais por um preço mais baixo — disse.

Silva e Luna disse que informou isso ao governo federal, sem dizer a quem deu essa informação.

— Informamos ao governo, participei de reuniões, expliquei isso aí. Depois foi toda essa confusão que a mídia tem divulgado, a mídia não... tem sido feita por informações de interesse duvidoso.

O desabastecimento é um risco porque a Petrobras é responsável por menos de 60% do mercado de derivados de petróleo no país. O restante é importado. Se há descasamento de preços, os importadores privados se recusam a comprar mais caro para vender mais barato.

O general falou sobre as prioridades da empresa. Disse que, passados 25 anos da quebra do monopólio do petróleo, a Petrobras ainda tem dificuldade de explicar isso para a sociedade, inclusive autoridades, sem citar nomes:

— Já conversei com autoridades, autoridades de alto nível. Conversando com a pessoa, explica isso aí, ele entende. Acaba de entender, está no racional. Aí muda para o modo emocional e começa a perguntar: “mas porque não baixa o preço do petróleo? Por que não coloca não sei o quê? Porque não faz política pública?” No meu caso, que vim de Itaipu, lá podia fazer política pública: “por que você fazia e agora não faz isso aqui?” Por causa disso, porque é lei.

Silva e Luna disse que os países que tabelaram combustíveis tiveram perda de capacidade de investimentos, citando a Venezuela. Lembrou que a Petrobras perdeu US\$ 40 bilhões entre 2010 e 2015 por segurar preços. E voltou a citar risco de faltar combustíveis:

— Risco de desabastecimento. Porque aí ninguém vai querer importar combustíveis mais caros para vender mais barato. E também a instabilidade regulatória dos preços afasta investidores.

Alguns militares temem que a saída de Silva e Luna possa reavivar velhas rusgas entre Exército e Marinha, pois o general caiu de uma estatal subordinada a uma pasta administrada por um almirante. Mas não há conflito concreto na Petrobras, embora a divisão de cargos do Ministério da Defesa, na nova reforma ministerial, tenha ampliado o clima de rivalidade entre as duas forças. (Colaborou Geraldá Docca)

“Não, a empresa não pode fazer política partidária, a empresa não pode fazer política pública. Não pode, não pode fazer. É a lei que não permite”

“Não há lugar para aventureiro na empresa hoje. A não ser que mude a legislação”

— Joaquim Silva e Luna, presidente da Petrobras

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 11